



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

AS FARPAS MODERNAS: CHRONICA MENSAL DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES¹ – publicação mensal editada em 1880, no Porto, dirigida por Gério Vaz, pseudónimo de Gervásio de Araújo (1856-1916). Foi impressa, com 19 cm, na Tipografia Comércio e Indústria (Rua do Corpo da Guarda, 29, Porto). Apenas se conhecem dois números (Março e Abril). Era vendida “nas principaes livrarias e nos kiosques”, a 100 reis cada número. O depósito localizava-se na Rua do Bonjardim, 541 – 1.º andar, no Porto.

CONTEXTO HISTÓRICO

Em 1880, a cidade do Porto revelava um intenso movimento intelectual, associado ao aparecimento de muitas iniciativas artísticas e literárias. A esta dinâmica também se associava uma conjuntura de crescimento industrial, económico, demográfico e urbanístico, bem como um fervilhar da vida política. O Porto tinha sido pioneiro, em 1865, com a realização da primeira Exposição Internacional organizada em território nacional. Construíram-se ligações entre as duas margens do rio, facilitando os fluxos e potenciando economicamente este território, afirmando-o como centro polarizador de toda a região norte do País e como entreposto atlântico. Era uma cidade moderna, aberta à vida social, política e cultural e plena de vitalidade, a que *reivindicava* um maior protagonismo político, em termos nacionais, através de diversos meios, designadamente pela imprensa.

Este periódico virá na sequência de uma “nova geração” de pensadores, radicados em Lisboa e no Porto, que tenderam, anos antes, a formar escola na crítica política e social. Neste caso, destacou-se uma intensa defesa do regionalismo nortenho e do localismo portuense.

NATUREZA, PROGRAMA E PÚBLICO

Um dos exemplos dessa iniciativa local foi a publicação de *As Farpas Modernas*. No preâmbulo, a abrir o primeiro número, sublinham-se os seus objetivos:

“não são um livro d'arte, um livro de critica, um livro de sciencias philosophicas, onde tu possas enriquecer a tua imaginação, robustecer o teu espírito, retemperar o teu pensamento; não são também uma edição luxuosa com que tu possas embellesar os compartimentos da tua

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/asfarpasmodernas/asfarpasmodernas.htm>

estante; mas em compensação damos-te – por dinheiro – um folheto destinado a fazer luz sobre os factos mais escandalosos da nossa politica, a pôr em relevo as miserias dos nossos costumes, da nossa sociedade, a desmascarar os tartufos que se arrogam o direito de nos depreciar, a proteger o fraco contra o forte e a redicularisar tudo o que não mereça, a severidade da nossa razão, o esforço do nosso pensamento. Seremos inexoraveis para tudo e para com todos.

Não respeitaremos sómente pela nomeada que conquistaram n'uma sociedade caduca, os nossos homens de letras; havemos de dar-lhes o devido correctivo, quando muito bem o mereçam. D'este thema não nos affastaremos nunca; julgaremos á luz da nossa consciencia, á rectidão do nosso dever.

Teremos sempre em mira de respeito, as reputações ganhas á custa d'um trabalho honesto: de muitas lucubrações de espirito. (...)

Respeitaremos os bons costumes, a moralidade de principios, e constituir-nos-hemos em deffensor inabalavel da MORAL, a que abrimos um culto no nosso peito, na religiosidade do santo Dever que nos impõe a causa da Justiça e da Dignidade.

As tuas filhas, a tua mulher, as tuas irmãs leitor, podem ler-nos, a toda a hora, em todos os lugares: na sala de jantar, na sala de visitas, no quarto de dormir, sem perigo de preversão: terão sempre que aprender nas *Farpas*.

Não é só o homem que tem a exclusividade de lêr obras d'esta natureza: á mulher do seculo XIX, d'este século chamado das luzes, d'esta epoca em que ella compartilha das ideias do livre-pensador, em que applaude o enterro civil e que, por tão elevado principio de liberdade d'acção, se expõe ás vaias da canalha, n'este tempo emfim, em que ella canta em verso *retumbante*, a causa da Justiça, a ideia da Revolução, conceda-se-lhe o direito de poder livremente, lêr as FARPAS MODERNAS, publicação tão sincera nas causas que advoga, como as *convicções* politicas do seu auctor. Pura infelicidade basta-lhe a exclusão do suffragio.

E tu burguez, não te opponhas ao progresso dos espiritos, á educação moral da tua consorte, das tuas filhas, a quem o espartilho deffinha mais do que as sensações produzidas; pela leitura dos romances de Bellot. Deixa esvoaçar, n'um horisonte d'illusões, esse bando de pombas mansas; deixa-as no folguedo das suas aspirações, na *reinadia* das suas expansões.

Deixa-as acalentar ao sol da gargalhada; abrelhes a porta da escada e deixa-as livremente passear no jardim das suas *comodidades*, das suas *regalias*.

Não sejas egoísta.”

A denúncia a favor da justiça social, a crítica construtiva e a abrangência de públicos (masculino e feminino) marcam a natureza, o programa e o público-alvo desta publicação, que ainda se clarifica como não tendo a ver com *As Farpas*, de Eça de Queiroz (1845-1900) e Ramalho Ortigão (1836-1915).

CONTEÚDOS

A cidade do Porto é o tema do artigo inicial, que se segue ao Preâmbulo do primeiro número. Porto, “berço da liberdade”, assistia à perda de influência nos corredores do Poder. Esta publicação denuncia isso e faz campanha para que a cidade retome o protagonismo perdido, muito embora se critique, com ironia, a falta de luta reivindicativa por parte do Governador Civil do Porto – “Partiu para Lisboa o snr. governador civil d'este districto. Informam-nos que vae advogar perante o governo, os justos pedidos d'esta cidade”, escrevia-se no segundo número.

A segunda parte do primeiro número refere-se às críticas contundentes de Camilo Castelo Branco ao livro de Madame Rattazzi (1831-1902), *Le Portugal à vol d'oiseau* (1879). A escritora esteve em Portugal em 1876 e 1879, onde conviveu com muitas figuras da política e da cultura, cujas memórias compilou num livro, em dois volumes, sob forma epistolar, que foi publicado em França. Mas o livro está cheio de histórias que provocariam polémica junto de outros escritores, indignados, que se sentiram ofendidos com algumas observações e erros expressos. Desses intelectuais, destacaram-se Antero de Quental (1842-1891) e, sobretudo, Camilo Castelo Branco, que acabou por escrever um pequeno livro de desafronta. Mas este seria criticado, precisamente, pelo autor de *As Farpas Modernas*:

“O sr. Camillo Castello Branco, alheio á seriedade, a todos os requisitos, da critica desprerenciosa, falsario á verdade, sem a franqueza dos talentos vigorosos, atirou ao destino da publicidade, um oitavo de 38 paginas, desdenhando a *son aise*, do trabalho de quem tentou fazer-nos conhecidos lá fóra no estrangeiro. Porque não fez uma analyse severa e como ordena o bom senso artístico, ao trabalho da sr.^a *Rattazzi!* Por não saber, ou para se subtrahir a um trabalho mais ardiloso?”

No segundo número, já surge um índice. Versa o mesmo: Camilo Castelo Branco; uma reunião, no Teatro Baquet, a 18 de Abril; a deslocação do Governador Civil do Porto a Lisboa e as comemorações do tricentenário de Camões.

Desde logo, o periódico repudia as críticas de Camilo a Teófilo Braga (1843-1924):

“As insolencias do snr. Camillo não nos causam espanto, nem a serio as tomavamos se o auctor do Amor de Perdição, não viesse com um arrojão

petulante ferir quem mais honra nos dá no mundo das letras e das Sciencias.”

Para adiante acrescentar:

“O snr. Camillo nunca teve o talento, nem o senso artistico, desses grandes vultos da escola que se chamou Coimbra. Viveu sempre no marasmo da escola romantica, sem a ter nunca engrandecido, pelo esmero d'um trabalho artistico, por uma concepção grandiosa. É este snr. Branco que diz, que a cabeça do snr. Theophilo tãa a vasio e que os Traços geraes de philosophia, são Trapos.”

Em 1879, Joaquim de Vasconcelos (1849-1936) apresentara, na Sociedade de Geografia de Lisboa, a proposta para a comemoração do Tricentenário da morte de Camões. Mais tarde, em Abril de 1880, criou-se uma comissão para organizar os festejos, sendo constituída essencialmente por jornalistas e escritores em destaque na época, mas seria a classe burguesa que promoveria estas comemorações no Porto, cujas ideias são criticadas, ironicamente, neste periódico. Sendo uma organização que se desenvolveu por todo o País, envolveu muitas personalidades, sendo que a comissão central, responsável pelos acontecimentos em Lisboa era constituída por: J[oa]o. C[ar]los. Rodrigues da Costa (1843-1917), Eduardo Coelho (1835-1889), Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928), Teófilo Braga (1843-1924), Ramalho Ortigão (1836-1915), Jaime Batalha Reis (1847-1935), Luciano Cordeiro (1844-1900), Rodrigo Afonso Pequito (1849-1931).

No final deste segundo número, há uma extensa errata e, apesar de o número seguinte se anunciar no prelo, não há prova de este ter sido publicado.

Por Jorge Mangorrinha
Lisboa, 1 de Março de 2016